

Para a História da Arqueologia Brasileira.

O SAMBAQUI DO TORAL, EM PARANAGUÁ, PR.

Diário do primeiro curso de arqueologia, julho de 1962

Pedro Ignácio Schmitz¹

Organização: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, por iniciativa do Dr. José Loureiro Fernandes, com apoio da CAPES.

Etapas: O curso se desenvolveu em duas etapas: de 4 a 11 de julho na Universidade do Paraná, em Curitiba, com aulas teóricas e práticas, e de 12 a 31 de julho de 1962 em Paranaguá, com escavações no sambaqui do Toral.

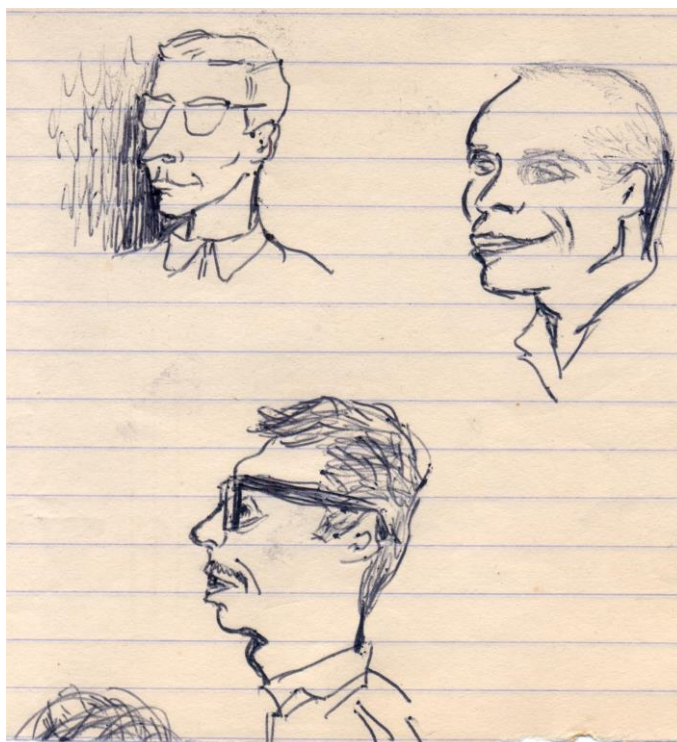
O sítio: O sítio do Toral, situado a 17 km do Paranaguá, 2 km da praia atual. Medidas: 44 m de comprimento, 36 m de largura, 5,6 m de altura máxima. Situado num alagadiço, que tinha sido mar no tempo da construção do sambaqui. Na mesma região existem muitos sambaquis de tamanho parecido, inclusive um com 21 m de altura (Guaraguaçu). Diversos sambaquis estavam sendo escavados pela Universidade do Paraná. O sambaqui do Toral nunca o tinha sido.

Metodologia: O sambaqui, que estava coberto por grandes árvores foi desmatado e limpo. O horário de trabalho era das 7 às 17 hs, todos os dias. Depois de limpa a superfície, foi escolhida uma área de 12 m de lado, no topo do sítio. Ao longo desta linha assentaram-se quadrados de 2 m de lado até a base do sambaqui, no lado leste, onde se abria a antiga baía. Remoção da camada de húmus (10 a 15 cm de espessura) pelos quadrados demarcados, separando-se o material com etiqueta especial. Remoção de uma camada de conchas de 15 cm de espessura nos mesmos setores e separação do material com etiqueta própria. Abertura de uma trincheira na base leste e outra na base norte, procurando alcançar o nível natural da água.

Em laboratório à noite, em domingos e em alguns outros dias o material escavado era lavado, numerado, fichado e classificado por equipes.

¹ Diário de campo redigido pelo autor quando da sua participação na Escavação do Sambaqui do Toral 51 (segundo Bigarella), coordenado pela Profa. Annete Lamming Emperaire. Este foi um primeiro curso de treinamento em arqueologia realizado em julho de 1962.

Os componentes da equipe:



Dra. Annette Laming-Emperaire, do Museu do Homem, em Paris, diretora do curso. Dava aulas teóricas e orientou a pesquisa.

Profa. Margarida Davina Andreatta, do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade do Paraná. Formada em Geografia e História, com curso de especialização no Museu Nacional. Tinha realizado anteriormente escavações em três sambaquis e acompanhava o desenvolvimento de outros trabalhos do CEPA. Era a auxiliar imediata da Dra. Annette em todo o trabalho. Em 1962-1963 iria fazer um curso no Museu do Homem, em Paris.

Profa. Maria José Menezes, do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade do Paraná. Formada em Geografia e História, com curso de especialização no Museu Nacional. Tinha realizado anteriormente escavações em três sambaquis e acompanhado a Dra. Annette na pesquisa na Patagônia Chilena e na Terra do Fogo; também e acompanhava outros trabalhos do CEPA.

Prof. Oldemar Blasi, do Museu Paranaense, professor de Arqueologia. Responsável pela seção de Arqueologia do Museu Paranaense. Fazia pesquisas com professores americanos (Wesley R. Hurt) e franceses (Josef Emperaire e Annette Laming-Emperaire) em Lagoa Santa, em José Vieira, em Macedo, e pesquisas próprias em Vila Rica no Guairá (ocupação espanhola) e em Estirão Comprido (tupi-guarani ou itararé).

Prof. Walter F. Piazza, professor de Antropologia Cultural, Etnografia e Antropologia Social na Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina. Era representante do DEPHAN no estado.

P. João Alfredo Rohr, S.J., professor de Química e História Natural no Colégio Catarinense, ex-reitor, organizador do museu do Colégio, começando a trabalhar em arqueologia no estado.

Prof. Pedro Ignácio Schmitz, professor de Antropologia, Etnografia e língua Tupi na Universidade do Rio Grande do Sul, com pequenos trabalhos em arqueologia e um estágio para língua guarani no Paraguai e para arqueologia na Universidade argentina de Córdoba.

Igor Chmyz, funcionário do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade do Paraná, cursando o terceiro ano de História nessa universidade. Representante do DEPHAN no Paraná, realizando pesquisas e acompanhando os trabalhos do CEPA.

Ondemar Ferreira Dias Jr., concluindo o curso de História na Universidade do Brasil, recomendado para o curso por Darcy Ribeiro. Faz parte de uma sociedade de arqueólogos amadores e tem pequenas publicações.

José Proenza Brochado, aluno do terceiro ano de História da Universidade do Rio Grande do Sul, interessado em arqueologia.

Maria Andrea Loyola, estagiária do Museu Nacional. Já fez estágio em Antropologia Física e Social e agora quer especializar-se em cerâmica.

Marilena Azevedo Fernandes Costa, concluindo o curso de História com especialidade em Antropologia em sentido amplo, recomendada por Prof. Egon Schaden.

Artur Ströbel, motorista da caminhoneta, que também fazia de cozinheiro no campo.

Resultados: Foram identificadas duas culturas arqueológicas.

a) A cultura encontrada na camada de húmus sem conchas, nos 15 cm mais superficiais. É a cultura da população que veio morar sobre o sambaqui já pronto e abandonado. Deles foram encontrados 18 sepultamentos; mais de 50 evidências de estacas, fazendo provavelmente parte de três choupanas; grande quantidade de pedra lascada ou parcialmente polida; material corante; objetos de osso e vértebras de peixe; coquinhos calcinados.

b) A cultura encontrada logo abaixo da camada de húmus nos 15 cm mais superficiais das conchas. É a cultura da população que construiu a última parte do sambaqui propriamente dito. Dela encontramos 12 sepultamentos, algumas evidências de estacas de choupanas, sinais do chão das habitações com muito carvão e cinza, fogueiras bem grandes, coquinhos calcinados e um bom número de instrumentos de pedra e de conchas.

Reconstituição das culturas arqueológicas:

Cultura a: A choupana dos habitantes tinha uns 5 m de diâmetro, sendo construída com estacas finas de madeira (7 a 10 cm de diâmetro); a choupana tinha piso circular ou ovalado. Ao lado destas parecia haver pequenas choupanas com menos de 2 m de diâmetro. Os mortos eram sepultados nos arredores da casa em covas rasas, escavadas nas conchas do sambaqui ou na terra, numa profundidade não superior a 20

cm. Os corpos eram deitados de costas nas sepulturas, as mãos geralmente colocadas sobre o abdômen, as pernas recolhidas como quem assenta sobre os calcanhares. Os esqueletos mantinham a orientação oeste-leste, com a cabeça voltada para o nascente, ou o mar. Junto de diversos esqueletos havia ofertas: lâminas de machado grandes parcialmente polidas, peixe, coquinhos (para uma criança). Os moradores não parecem ter chegado a grande idade: não foi encontrado nenhum esqueleto de indivíduo idoso. Também não se encontraram esqueletos de crianças bem pequenas. A menor teria uns 10 anos. Não sabemos o que se fazia com os corpos de crianças. Como indica o grande número de sepultamentos, o grupo deve ter morado ali por bastante tempo. Também poderia ter sido um grupo relativamente numeroso, digamos de umas 30 pessoas.

Sobre a alimentação conhecemos estranhamente pouco: só encontramos algumas vértebras de peixe e alguns coquinhos calcinados. Sabemos apenas que não se dedicavam à coleta de mariscos, porque não deixaram conchas, nem pareciam ter sido caçadores ou pescadores, porque não apareceram ossos de animais terrestres ou peixes. Nem se encontrou carvão ou fogões, o que poderia indicar que os restos de alimentação estariam em outro lugar.

Dos instrumentos de trabalho foram encontradas numerosíssimas pequenas lâminas de machado, ou artefato parecido, (com menos de 5 cm de comprimento e largura), lascadas, que tinham sido encabadas. O gume estava gasto numa das extremidades, indicando a posição em que eram usadas, mas sem revelar sua verdadeira utilidade. Também havia algumas lâminas de machado semi-polidas, de tamanho bem grande, que eram encontradas normalmente nas sepulturas ou em outras covas. Registramos ainda quebra-coquinhos, grande número de lascas de basalto e um número quase infinito de lascas e seixos de quartzo, que tinham sido levados para o sítio e serviriam para alguma coisa.

Também o ornato era conhecido desse homem: encontramos boa quantidade de matéria corante vermelha e amarela. E em diversos lugares apareceram vértebras de peixe perfuradas, que teriam servido de contas de colar.

Estes moradores, quando se estabeleceram no sambaqui reviraram as camadas de conchas do mesmo, às vezes até um metro de profundidade.

Resumindo, pode-se dizer que se tratava de um grupo pacífico, sem armas reconhecíveis, sem cerâmica, nem pedra completamente polida, de cuja alimentação quase nada se conhece. Talvez fossem agricultores incipientes ou coletores. Quanto à idade em que teriam vivido não temos, por enquanto, dados certos.

Cultura b: Eram comedores de mariscos (ostras, berbigões etc) ao menos no tempo em que viveram no lugar. A falta completa de ossos de peixes parece indicar que não pescavam. Tinham suas moradias durante muitos anos no sambaqui, como mostra a superposição de camadas de conchas esmigalhadas, misturadas com carvão e cinzas, no lugar das antigas choupanas. Não se conhece a forma destas choupanas. Dentro delas e possivelmente também fora, faziam suas fogueiras para cozinhar os mariscos; nas fogueiras foram encontrados coquinhos calcinados. As ostras e o berbigão (anomalocárdia) eram então abundantes nos mangues próximos. Depois de comido o conteúdo, jogavam as conchas pelo declive do sambaqui, ao lado das choupanas. Estas camadas de conchas têm ali mais de 5 m de altura.

Os mortos eram enterrados ali mesmo, nas conchas, não se sabendo se fora ou dentro da choupana. Eram sepultados cuidadosamente, em covas pequenas e rasas, numa posição completamente dobrada: os joelhos sobre o peito, as mãos por baixo dos joelhos. Este modo de enterrar é bastante comum na América do Sul, desde os Andes até o litoral brasileiro.

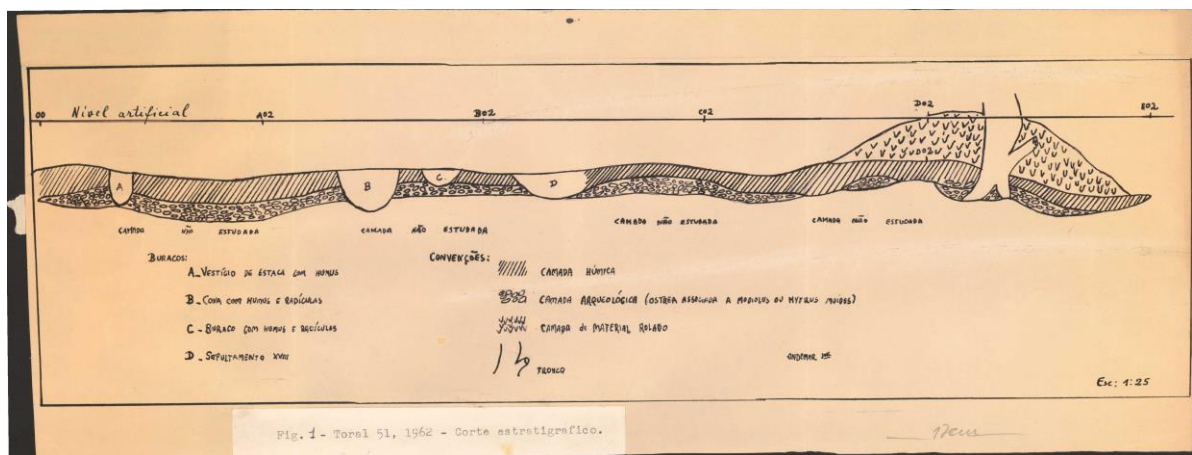
Não parecem ter usado a pedra polida.

Sua cultura é diferente e mais antiga que a anterior.

Escavação no Sambaqui do Toral 51, Paranaguá, julho de 1962.

Z01	A01	B01	C01	D01	E01																
Z1	A1	B1	C1	D1	E1																
Z2	A2	B2	C2 </tr <tr> <td>Z3</td> <td>A3</td> <td>B3</td> <td>C3</td> <td>D3</td> <td>E3</td> </tr> <tr> <td>Z4</td> <td>A4</td> <td>B4</td> <td>C4</td> <td>D4</td> <td>E4</td> </tr> <tr> <td>Z5</td> <td>A5</td> <td>B5</td> <td>C5</td> <td>D5</td> <td>E5</td> </tr>	Z3	A3	B3	C3	D3	E3	Z4	A4	B4	C4	D4	E4	Z5	A5	B5	C5	D5	E5
Z3	A3	B3	C3	D3	E3																
Z4	A4	B4	C4	D4	E4																
Z5	A5	B5	C5	D5	E5																

2 metros



O Diário das atividades:

Curitiba, 4/7/62. De manhã, das 9 às 10,15 hs, aula do Prof. Blasi: 'Introdução aos métodos da pré-história': método estratigráfico, trabalho de campo. Das 16 às 17 hs, continuação da aula e ilustração do método através da projeção de diapositivos.

Curitiba, 5/7/62. De manhã, das 9 às 10 hs, aula da Profa. Margarida Andreatta sobre documentação do trabalho de campo, com a projeção do filme sobre o sambaqui do Guaraguaçu. Das 10 às 11,30 hs, um grupo foi visitar a seção de arqueologia do Museu Paranaense, estudando, sob a orientação do Prof. Blasi, o material proveniente das jazidas do interior do Paraná, em especial o guarani e o espanhol do tempo das reduções. De tarde, das 14 às 15,30 hs, trabalho no Gabinete de Arqueologia. Às 15,30 hs, visita ao reitor da Universidade. Às 16 hs, aula da Profa. Margarida Andreatta sobre o tratamento do material coletado, em campo e em laboratório. Depois da aula, até às 17,30 hs, continuou o estudo no Gabinete.

Curitiba, 6/7/62. De manhã, das 8 às 9 hs, houve uma aula da Profa. Margarida Andreatta, continuando o tema da tarde anterior, explicando principalmente como se trata o material antropológico ósseo em campo e no laboratório. Das 9 às 10 hs, Profa. Maria José Menezes deu aula sobre métodos de escavação. À tarde, 14 hs, assisti a conferência de um dentista-médico, que participava de um congresso de odontologia, sobre 'a cárie entre os índios'. Das 16 às 17 hs, Profa. Maria José Menezes continuou a aula sobre 'métodos de escavação'.

Curitiba, 7/7/62. De manhã, das 9 às 11,15 hs, Prof. Blasi deu uma aula prática sobre classificação de cerâmica, no Museu Paranaense. À tarde houve uma excursão a Vila Velha.

Curitiba, 8/7/62. Domingo. De tarde visitei a Coleção Tiburtius.

Curitiba, 9/7/62, segunda-feira. De manhã, aula de Maria José Menezes, das 9 às 11,30 hs, sobre métodos de escavação. De tarde, das 15 às 17 hs, Margarida Andreatta deu aula sobre material ósseo e lítico. Às 17,30 hs, visita à exposição sobre alimentação do índio brasileiro, organizada pelo Departamento de Antropologia da Universidade. Nesse departamento estavam as seguintes pessoas: Dr. José Loureiro Fernandes, responsável pela Antropologia Física e a Antropologia Cultural, mais um assistente que tinha feito curso de Antropologia no Museu Nacional com Roberto Cardoso de Oliveira e estava seguindo para pesquisas na Amazônia; uma professora de Etnografia Geral, Aryon Dall'Igna Rodrigues, da cadeira de Etnografia do Brasil e Língua Tupi; 5 pessoas na Seção de Arqueologia; 1 no Folclore.

Curitiba, 10/7/62, terça-feira. Reunião com Dra. Annette Laming-Emperaire para combinar as coisas mais importantes da escavação. Depois fomos fazer compras na cidade. De tarde, das 16 às 17 hs, Dra. Annette deu uma aula sobre sambaquis. De noite revisei os dados sobre as escavações em Tafi del Valle, no Noroeste Argentino, provenientes de um estágio na Universidade de Córdoba, preparando-os para o seminário em que cada um falaria de suas experiências anteriores.

Curitiba, 11/7/62, quarta-feira. De manhã fui ao Museu Paranaense para fazer exercício de classificação de cerâmica com o Prof. Blasi. Trabalhamos das 9,30 às 11,30 hs. De tarde houve aula da Dra. Annette das 15 às 17 hs. Depois ficamos trabalhando e

estudando no departamento e com o Prof. Arion Dall'igna Rodrigues até 18,15 hs. Também visitei a Seção de Linguística e o Departamento de História.

Curitiba, 12/7/62, quinta-feira. De manhã preparei a mala para a excursão. Depois comprei passagem de volta a Porto Alegre, para a tarde de 31 de julho. Deveríamos ter saído para Paranaguá às 12,30 hs, mas de fato só o fizemos às 15 hs, por vários contratempos. Passadas as 18 hs chegamos a Paranaguá, visitamos o museu e jantamos no restaurante Danúbio Azul e fui me recolher ao convento dos padres redentoristas, onde escrevo. Amanhã sairemos a campo.

Paranaguá, 13/7/62, sexta-feira. Primeiro dia de campo. Saída de manhã às 8,30 hs para o sambaqui do Gomes, que está sendo escavado por Wilson Rauth, arqueólogo formado em South Dakota sob orientação de Wesley R. Hurt. Escavação em níveis artificiais, em escada. Retirada de sepultamentos após engessamento. Do sambaqui do Gomes partimos em busca de um sambaqui que pudéssemos escavar. Custou encontrar um, que amanhã será desmatado para podermos começar domingo, ou mais tardar segunda-feira. Almoçamos lá mesmo e de tarde rumamos para o sambaqui Guaraguaçu. Antes de chegar ficamos encravados no caminho. Depois visitamos outro pequeno sambaqui, de uns 3 m de altura. Tanto o do Guaraguaçu, como o menorzinho, apresentam conchas limpas e soltas. Como ainda sobrava tempo, após a visita ao Guaraguaçu, demos uma volta pelas praias. À noite Dra. Annette deu aula sobre métodos arqueológicos.

Paranaguá, 14/7/62, sábado. Resolvemos não voltar ao Guaraguaçu devido ao mau estado do caminho e fomos todos trabalhar no sambaqui do Toral, que tínhamos visitado no dia anterior. Acompanhamos todo o trabalho desde o começo. Enquanto os 4 operários cortavam o mato sobre a jazida, os moços abrimos a picada e construímos duas pontes sobre dois pequenos arroios. Trabalhamos dura e intensamente. Enquanto isto, as moças e o motorista construíam uma cabana, coberta de folhas, onde tomaremos as refeições. Nós terminamos antes do meio-dia e fomos ajudar na limpeza da jazida. As moças só apareceram na jazida pelas 4 hs da tarde. Almoço às 11 hs, recomeço do trabalho às 12 hs, café às 15 hs, fim do trabalho às 17 hs, janta às 18 hs, no museu de Paranaguá. A limpeza da jazida se processou de modo bem rápido. Na medida que os operários cortavam o mato, nós o removíamos para um lado da jazida onde não incomodaria. O chão ficou limpo, mas não arrancamos os tocos e as raízes para não perturbar as camadas. Há muitos tocos, que vão dar trabalho. A jazida apresenta diversos buracos em todos os lados, feitos principalmente por caçadores de tatu, algum talvez também por buscadores de tesouros. O sambaqui é dos sujos (cheio de carvão e cinza) e parece bastante rico, pois na superfície apareceram numerosos implementos e também já apareceram restos de diversos enterros. O sambaqui encontra-se a dois quilômetros, aproximadamente, do litoral e Dra. Annette acredita que dos sambaquis recentes este talvez seja um dos mais antigos. O lugar é bom para ser trabalhado, visto não ficar muito longe de Paranaguá, apresentar fácil acesso, ser presumivelmente bem rico e bem antigo e não ter muitos bichos incômodos. Como tínhamos trabalhado muito e estávamos muito cansados, não houve aula de noite.

Paranaguá, 15/7/62, domingo. O dia era de folga, embora Dra. Annette, no começo, tivesse pensado em trabalhar. Passei a manhã fotografando, em cores e em preto-e-branco, principalmente o porto fluvial, o mercado e o museu. Café às 9 hs, almoço às

13 hs. De tarde os colegas foram a Caiobá buscar do Dr. Loureiro Fernandes. Fiquei para estudar e para escrever o diário. Hoje de noite teremos uma hora inteira de aula para compensar a que não foi dada ontem. Amanhã começaremos a escavação.

Paranaquá, 16/7/62, segunda-feira. Hoje começamos o trabalho de escavação propriamente dito. De manhã fomos ao campo às 7 hs. O tempo apresentava-se com uma neblina densa durante grande parte da manhã. O sol saiu apenas perto do meio-dia. Foram ao campo todos com exceção de Marilena, por estar com febre desde ontem, por causa da picada dos mosquitos. De tarde, às 17 hs, quando já estávamos para suspender o trabalho, chegou o Dr. Loureiro Fernandes para apreciar o trabalho. Ontem tinham sido distribuídos os encargos e hoje tudo funcionou.

O trabalho foi realizado da seguinte forma: primeiro se fez o levantamento topográfico da jazida, mas como não funcionou a bússola, fizemos tudo com estacas e nível. A linha no topo da jazida foi numerada com letras, além do ponto zero, para o qual tomamos o toco de uma árvore: Z A B C D E; ladeira abaixo numeramos as estacas 0 1 2 3 4 5. Os quadrados são de 2 m de lado.

Enquanto fazíamos o estaqueamento, alguns já se puseram a desenhar os perfis que apareciam em diversos buracos que tinham sido abertos escavando tatu, ou buscando tesouros. Estes perfis dão uma ideia da estrutura, porque com a escavação por níveis naturais perdem-se os perfis verticais, e escavando por níveis verticais é difícil ver os níveis naturais.

Ao mesmo tempo foi feito o plano de topo, indicando os quadrados e, dentro deles, os diversos buracos com suas dimensões e profundidades. Também se indicou o lugar dos tocos maiores porque as raízes dos mesmos podem ter perturbado as estruturas e é interessante observar o motivo dessa perturbação.

Os perfis dos buracos foram limpados. Grande parte do sambaqui já foi perturbada, mas nem por isso é inaproveitável para uma escavação.

Como trabalho preparatório da escavação removeram-se os resíduos retirados dos buracos e acumulados aos lados dos mesmos, deixando a descoberto o nível húmico. O material encontrado ali, bem como o material recolhido na superfície do sambaqui foi coletado sob a etiqueta de 'material rolado'. O material colhido na camada húmica foi recolhido sob este rótulo e separado por setores. A camada húmica foi retirada por setores, deixando a superfície natural do antigo sambaqui assim como se supõe que teria sido abandonado.

As raízes são cortadas com podões e tesouras para perturbar o menos possível a jazida. Mesmo as grandes são primeiro limpas e depois cortadas com o máximo cuidado.

O tempo estava muito ruim para fotografias. Só Ondemar parece ter feito uma hoje e a Dra. Annette anda por aí com o aparelho fotográfico.

O trabalho continua sempre perfeitamente dentro do horário.

Paranaquá, 17/7/62, terça-feira. Fomos ao campo na hora costumada. Quando chegamos ao lugar garoava levemente, mas logo pudemos trabalhar. Foram todos, incluindo Igor, que tinha chegado no dia anterior. Marilena foi, mas depois do almoço

ficou doente. O trabalho consistiu em limpar os diversos setores, primeiro do material rolado, recolhendo-o com o rótulo de 'material rolado', separado por setores; depois se limpou setor por setor da camada húmica. Limpamos diversos setores da parte alta até chegar ao declive. Apareceram diversos ossos humanos, bem como regular quantidade de material lítico. A superfície, no topo, principalmente em dois setores, é bastante acidentada e foi difícil distinguir com exatidão o material rolado da camada de húmus e das camadas arqueológicas. Nos setores de maior declividade a superfície é bem regular. As choupanas estavam provavelmente na parte plana do topo, razão por que abriremos a maior parte dos setores do topo, abandonando, por enquanto, os de maior declividade.

Paranaguá, 18/7/62, quarta-feira. O trabalho no campo continuou, como nos dias anteriores. O tempo, como nos dias anteriores, apresentava-se nublado, a temperatura agradável. Marilena continua doente. Meu trabalho consistiu em limpar o setor E1 em companhia de Margarida. O material foi anotado por ela. A seguir passamos ao setor D01, no qual limpamos primeiro a camada de material rolado (50 cm de espessura). Nele apareceram fragmentos de pedra, implementos líticos e uma porção de ossos humanos. Após a camada rolada passamos à húmica, de uns 10 cm de espessura. Esta apresentou grande quantidade de material lítico na superfície da camada de conchas (*Ostrea* sp) e, entre eles, numerosos implementos. À noite P. Rohr falou sobre os trabalhos por ele realizados em Santa Catarina. De noite choveu bastante.

Paranaguá, 19/7/62, quinta-feira. O trabalho continuou como de costume, o tempo, de manhã, nublado. O motorista, depois de nos ter levado ao lugar foi a Curitiba devolver a caminhoneta e pegar outra maior para nós. Igor, Andrea e Ondemar foram ver um sambaqui que já fora visitado na tarde anterior por Annette, Margarida e mais alguns. Hoje foram fazer um corte estratigráfico, mas só apareceu cerâmica cabocla fragmentada e uma tigela mais ou menos inteira. Meu trabalho consistiu em limpar o setor E3, cuja espessura de húmus no limite com E2 é de 25 cm, diminuindo em direção a E4. Após ter limpado o setor E3, voltei ao D01 para um aprofundamento maior, a fim de igualar a camada com o trabalho dos outros setores que foram mais escavados. A maior parte do material foi encontrada na base da camada húmica, incluindo ossos humanos, implementos e um número bem grande de lascas de quartzo. Em duas depressões houve maior concentração de material lítico, sendo que numa se encontraram 6 peças e na outra 12. Quase no limite entre os setores D01 e E01, em meio às raízes de uma árvore apareceu um sepultamento, que não foi removido, nem escavado (enterro 4). A superfície deste setor, como de diversos outros (C01, D01, E01, D1, E1, E3, E4, Z01 etc.) apresentava uma camada relativamente fina de ostras na superfície. Em diversos setores estão aparecendo depressões que poderiam indicar estacas de choupanas.

Feito o trabalho no setor D01, limpei o setor E3, removendo primeiro a camada rolada, depois a húmica, que apresentou a maior parte do material lítico e ósseo. Em seguida aprofundi uma brecha compacta, de coloração mais clara. No setor E2 que aprofundi um pouco mais, apareceram duas vértebras grandes de peixe perfuradas e uma falange com perfuração por um lado só, bem como diversos dentes e material lítico e ósseo como de costume.

De noite Dra. Annette forneceu os dados mais importantes que surgiram, até agora, da escavação. Discutimos os resultados e os métodos. Os dados são aproximadamente os seguintes: 'O sambaqui do Toral (51, segundo Bigarella) dista aproximadamente 2 km do litoral (O Guaraguaçu dista 4 km). Estava coberto de árvores altas, já tinha sido plantado, segundo dizem os trabalhadores, apresentava vários buracos provenientes da caça de tatu, ou como dizem outros, de sondagens feitas por uma fábrica de cal, que desejava ver que porcentagem de ostra havia no montículo, visto a ostra ser a concha que melhor se presta para cal. O sambaqui estava parcialmente coberto de detritos desta escavação. Entre os detritos havia implementos de pedra, ossos humanos etc, como no resto do sambaqui. Nas aberturas vê-se que se trata de um sambaqui sujo, de camadas relativamente finas e não muito fáceis de isolar. O material que aparece nesta camada rolada é de pedras lascadas, lâminas de machado com corte e parte do corpo polidos, lascas de quartzo, seixos com depressões, material corante (vermelho e amarelo), artefatos ósseos, percutores. Este material pode provir do interior do sambaqui até uma profundidade de uns 250 cm. A camada de húmus, que cobria o sambaqui, varia entre 10 e 20 cm. Em certos lugares a camada húmica aprofunda-se na camada arqueológica, enchendo depressões de formas variadas. Para estas depressões existem, por enquanto, 3 explicações possíveis: a) são resultado de cultura de mandioca, b) marcas de estacas ou postes de construção de cabanas indígenas, c) vestígios de sepulturas escavadas na superfície. É cedo para dizer qual delas é a mais certa. Algumas depressões certamente são sepulturas. Provavelmente a natureza dos buracos não é única, mas multiforme. Podem os mesmos originar-se de troncos, raízes, canais produzidos pela chuva. A indústria da camada húmica é bastante rica. No topo do sambaqui tem-se a impressão de que a maior parte dos implementos é da base da camada húmica, mas na parte do declive parece acontecer o contrário. Na camada húmica há muitos fragmentos de quartzo, artefatos líticos, vértebras perfuradas, uma falange humana com perfuração parcial. É difícil decidir se este material pertence ao ciclo dos sambaquis, ou se provém de uma ocupação posterior. Os sepultamentos parecem ser dos habitantes da camada de húmus. Trata-se de covas pouco profundas, escavadas na camada húmica ou na superfície da primeira camada arqueológica conchífera. Na parte norte do sambaqui a separação entre a camada húmica e a arqueológica é bem nítida; o contrário parece acontecer na parte sul e sudeste.'

Paranaguá, 20/7/62, sexta-feira. Saímos na hora costumada, sem Marilena e sem Igor, que estava com uma intoxicação. O tempo estava nublado pela manhã e só abriu perto do meio-dia, para clarear completamente à tarde. É muito difícil tirar boas fotografias do trabalho porque a parte que estávamos escavando dá para o leste e, como de manhã sempre está nublado, torna-se isto impossível. De tarde, quando o céu se desanuvia, as sombras do alto do sambaqui se projetam sobre o lugar do trabalho. De manhã estava frio e garoava. Meu trabalho começou com a remoção da camada húmica do setor D4. Esta camada, no limite com o setor D3 tinha uns 10 cm de espessura, diminuindo suavemente em direção ao declive. Foi encontrado nesta camada, grande número de fragmentos de quartzo, bastantes implementos de pedra, restos humanos (dentes, fragmentos do crânio e outros ossos). No ângulo com os setores C4, C3 e E5 apareceram fragmentos de crânio que não foram recolhidos. Em seguida retirei, com o José Brochado, a camada húmica do setor Z. Não havia material rolado. O material consistia principalmente em objetos líticos, onde, à primeira vista, não se distinguem evidências, alguns fragmentos de osso, um molar humano. Uma bonita lâmina de

machado com corte e parte do corpo polidos, que apareceu numa depressão, mas já incrustado na brecha arqueológica, foi deixado no lugar. Em seguida ajudei a Margarida na limpeza do setor dela (Z01). Feito isto, como aparecessem covas numa disposição bastante regular (à semelhança de um círculo), resolvemos, a Margarida e eu, procurar outros nos setores que já tinham sido limpos. No fim havia numerosas depressões pequenas, circulares, principalmente nos setores Z01, Z1, A01 e A1.

Ao voltarmos do trabalho passamos pelo sambaqui do Ribeirão, em Alexandra. De noite dei aula sobre o método empregado no trabalho de Tafi del Valle.

Paranaquá, 21/7/62, sábado. O dia fora destinado à classificação do material. De manhã, o dia estava nublado, abrindo mais perto do meio-dia. Ondemar, Andrea e Marilena foram ao sambaqui trabalhar nos esqueletos. Margarida foi, de manhã cedo, a Curitiba; Igor já tinha ido na noite anterior. O café foi só às 8 hs, depois fui a Foto Brasil entregar um filme para revelação. Passei também pelo mercado para ver se encontrava vassourinhas para a limpeza da escavação. Depois selecionei material e numerei, desde de manhã até às 18 hs. Dra. Annette deu aula sobre coletas de amostras em arqueologia. Também apresentou plano de livro para o qual pediu a nossa colaboração: A arqueologia do Sul do Brasil, abrangendo duas partes, sendo uma geral e outra particularizada para cada estado. A parte geral inclui o estudo geográfico e geológico, a inserção do homem no quadro natural (grandes zonas etnográficas e arqueológicas), principais problemas arqueológicos (aparição e antiguidade do homem, indústrias mais antigas, aparição da cerâmica, da pedra polida, das pinturas rupestres). A arqueologia regional abrangeria provavelmente do Rio de Janeiro e Minas Gerais para o Sul, sendo estudada por estados: história das pesquisas e organização atual, levantamento das jazidas e principais características, antropologia física (?), bibliografia crítica geral para cada estado. Dra. Annette pediu que eu fizesse a história das pesquisas no Rio Grande do Sul. O livro provavelmente será publicado na França (em francês) e no Brasil (em português). Também foi resolvido que os resultados da pesquisa no Toral seriam publicados imediatamente, pelo grupo, ao menos sumariamente por não se saber quando será continuado o trabalho.

Paranaquá, 22/7/62, domingo. Fui ao museu de manhã cedo e trabalhei ali, colocando primeiro em ordem o meu diário e, a seguir, resumindo as aulas da Dra. Annette sobre arqueologia da América. Não houve outras atividades.

Paranaquá, 23/7/62, segunda-feira. Fomos ao trabalho na hora costumeira. Retiramos a camada I (0-15 cm) do setor B1. Por sobre a camada arqueológica propriamente dita (brecha de argila de mangue e conchas de *Ostrea*), havia, em alguns lugares, partes da camada húmica, de cor cinza-claro, de superfície irregular. Apareceu pouco material arqueológico: 1 dente humano, 2 fragmentos de crânio, mais alguns ossos humanos. Próximo do setor C1 apareceu um montículo compacto de *Ostrea* com cinza. Numerosos pequenos fragmentos de hematita foram encontrados em toda a camada, não sendo recolhida a maior parte. O material lítico ficou no setor para ser registrado no plano de topo. Na escavação da camada procuramos seguir a inclinação geral das camadas, mas sem atender excessivamente a isto. Não se notou solo ou chão marcado.

O dia estava nublado, como nos outros dias. Faltou Igor, que ainda não voltou de Curitiba.

A aula foi sobre pré-história da América e o povoamento da mesma.

Paranaquá, 24/7/62, terça-feira. Fomos ao campo na hora costumeira, com o tempo costumeiro. Ficaram em casa para lavar e classificar material Maria José, Andrea e Ondemar. Igor ainda não voltou de Curitiba.

O trabalho torna-se cada vez mais lento, devido ao aparecimento de grande número de esqueletos e buracos. Meu trabalho de todo o dia consistiu em limpar a camada I (0-15 cm) do setor B01. Entre este setor e os vizinhos deixamos um pequeno tabique para podermos, no fim, desenhar os perfis. Também os diversos objetos que apareceram na camada foram deixados no seu lugar e posição.

Sobre a camada de brecha havia em diversos lugares, restos da camada húmica, preenchendo os desníveis da camada arqueológica. A superfície da camada arqueológica é bastante irregular, cortada por depressões e covas de diverso tamanho e profundidade. A camada húmica é escura e não muito consistente. A camada arqueológica é de cor cinza-claro, consistente, constando de ostras de diversos tamanhos e de argila de mangue.

Estruturas aparecidas no setor são principalmente sepultamentos: o primeiro, já nitidamente na brecha arqueológica, a 60 cm da linha A0-B0 e aproximadamente 100 cm de B0-B01. Estava em bastante mau estado e muito difícil de trabalhar devido à brecha. Alguns dentes soltos foram recolhidos. O resto ficou no lugar para ser registrado no plano de topo da camada: é o sepultamento nº 13. Um crânio apareceu (o nº 15), também provavelmente na camada arqueológica, a 10 cm dentro da mesma, 18 cm da linha A01-B01 e aproximadamente 50 cm de B0-B01. Não foi escavado por se encontrar no limite da camada. Um crânio de criança (?) (nº 16) fragmentado apareceu junto à estaca B01. Por se encontrar na altura do corte não foi escavado. Um buraco de forma irregular que se aprofunda 10 cm dentro da camada II (15-30 cm) começa aproximadamente na linha B01-A01 e se estende por uns 60 cm paralelo à linha B0-B01, apresentou alguns fragmentos pequenos de ossos humanos. Sobre a linha A01-B01, a 96 cm de B01 há uma cova que se aprofunda 35 cm dentro da camada conchífera (até onde nos foi possível ver), com diâmetro de 55 cm na altura em que penetra na camada conchífera. Dentro deste buraco, que afunila na media em que se aprofunda, há evidências de um sepultamento humano.

No buraco em que Igor tirou um sepultamento, aprofundamos um pouco mais a camada húmica, aparecendo no fundo três objetos líticos, que deixamos no lugar. O buraco continua em profundidade, não mais com camada húmica, mas um material conchífero não muito compacto. No limite (ou quase) deste setor com o A01 estavam marcados dois buracos de estacas que se destacaram perfeitamente quando vistos de perfil: o que foi medido tinha no lugar em que penetrava na brecha 17 cm de diâmetro, 9 cm de diâmetro na profundidade dos 15 cm da camada I e continuava ainda. Estava muito nítido. Está ao lado de um registrado no plano de topo e se encontra em linha com os indicados para o setor A01. Outra evidência nítida de estaca, também não no plano de topo, cheia de camada húmica, encontra-se ao lado da cova em que Igor tirou o sepultamento. É bem nítida a cor e a consistência da terra preta que enche a cova e a clara e consistente a que indica o limite da mesma. Outra evidência menos nítida de estaca, encontra-se ao lado da estaca B0. Perto da estaca A0 há uma possível cova

grande preenchida com conchas, mas muito friáveis e de consistência muito diferente da brecha.

Quanto ao material: a maior parte é encontrada ainda dentro da base da camada húmica e foi recolhida sob este rótulo. Parece que na camada arqueológica (brecha) a indústria é de lascas, com pouquíssimo quartzo; na húmica apareceu muito quartzo (seixos e lascas) e material polido sob a forma de bifaces pequeníssimos. A brecha parece apresentar principalmente lascas e em pequeníssima quantidade. Na camada húmica também apareceram dois ossos trabalhos, sendo um provavelmente humano e o outro de ave. Perto da estaca B01 apareceu uma lâmina de pequeno machado de corte polido, provavelmente da camada base da húmica e que assim registrei.

A camada de brecha é principalmente de ostras, com pouquíssima *Anomalocardia*. Os buracos em que ainda se via húmus foram aprofundados para além dos 15 cm da camada I, retirando-se todo o húmus, com exceção de duas evidências de estacas e da cova com evidência de sepultamento (s. nº), que apareceu no limite da linha A01-B01.

O setor ficou limpo, aparecendo apenas dois sepultamentos, as evidências de estacas e alguma lasca de pedra. Provavelmente não se aprofundará mais.

A aula da noite foi de Walter Piazza sobre a lei de proteção às jazidas arqueológicas.

Paranaquá, 25/7/62, quarta-feira. Fomos ao trabalho na hora costumada. Dra. Annette não foi. Ficaram também Margarida, Igor e José Brochado. De modo que o comando ficou conosco. Resolvemos trabalhar em conjunto, buscando alguma coisa conscientemente. Primeiro nos chamou a atenção que a indústria da camada húmica poderia ser diferente da indústria das camadas de conchas. Resolvemos observar e parece que realmente há bastante diferença entre ambas. As da camada húmica são em parte polidas, em parte lascadas em ambas as faces. As lascas da camada mais alta do sambaqui são finas e não aparece quartzo. O segundo tema que nos propusemos foi ver se era possível encontrar a forma de uma choupana, associando as estacas. Enquanto fazíamos isto, apareceu no meio de algumas estacas, uma fogueira bem espessa (mais de 10 cm), bem ao centro de 5 estacas. As estacas, no sambaqui são muito nítidas e encontramos grande número, mas, até agora, não foi possível encontrar a forma das choupanas. A seguir surgiu o problema de quem eram os sepultamentos, se dos moradores da camada húmica ou dos estratos. Testamos duas e viu-se perfeitamente que eram dos ocupantes da camada húmica, ao menos na sua maior parte. O motivo, por que o dizíamos era que na beira das covas a brecha de ostras, que é mais superficial no sambaqui, tinha sido perturbada e cortada e os sepultamentos tinham sido feitos na camada de *Anomalocardia*, que está por baixo das ostras. Resolvemos deixar para amanhã o teste das sepulturas todas para ver de que camada elas são. Se um grande número de adultos, sem esqueletos de crianças, for encontrado, como parece, haverá que explicar porque isto aconteceu. Logo a seguir surgiu mais um problema bem grave, que foi provocado pela Andrea, quando limpou o perfil de uma cova do setor C1. Nas paredes do buraco, onde aparece nítida a estratigrafia, há grandes interrupções, mostrando grandes bolsões com terra misturada. Procuramos saber o tempo em que tais perturbações dos estratos ocorreram e vimos que eles vinham de cima, cortando a brecha de ostras, que é a primeira camada de conchas, sendo, portanto, posteriores à conclusão do sambaqui. De noite houve um

seminário sobre os problemas. O trabalho avançou bastante neste dia, pondo em claro muitos pontos até ali obscuros ou não vistos.

A aula da noite deveria ser a apresentação de Margarida e José Brochado, da história do sambaqui, mas, como naquele dia muita coisa tinha mudado, discutiu-se muito e propuseram-se diversos novos problemas.

Paranaquá, 26/7/62, quinta-feira. Saímos na hora costumada. Dra. Annette, P. Rohr e Margarida foram à Ilha dos Rosas ver os sambaquis do lugar. Os outros continuamos o nosso trabalho no Toral. Trabalhos realizados: procuramos por em relação as 5 estacas, que pareciam formar um círculo com uma fogueira, que estava no meio. Trabalhamos bastante, testando de todas as formas, mas no fim chegamos à conclusão de que a fogueira era da camada de *Anomalocardia*, que por sua vez tinha sido coberta por uma camada de ostras. E as estacas eram de um período posterior, correspondendo à cultura do húmus. A seguir, Maria José recolheu amostras para análise da radioatividade do carbono, em diversos níveis de uma parede bem estruturada no buraco do setor C1. José Brochado, Marilene e Maria José trabalharam quase todo o dia no desenho do sepultamento no setor E01, onde estava trabalhando a Andrea. Em companhia de Maria José coletamos carvão desta sepultura, pertencente à camada húmida e levemente dentro da camada de ostras. Havia alguns torrões bem grandes, estando os maiores diretamente sobre o crânio. Em companhia de Andrea testamos as sepulturas. Só encontramos 4 sepultamentos que estão certamente dentro da brecha do sambaqui, sendo a maior parte dos sepultamentos pertencente ao período do húmus, os corpos enterrados em cova rasa, que em geral quebrou um pouco a brecha das ostras e parte da camada de anomalocardia. Em seguida procurei localizar no setor A01, as evidências de estacas que haviam ficado após a remoção dos 15 cm pelo P. Rohr. Marilene veio ajudar. Conseguimos ver os vestígios de diversas no fundo da escavação.

A respeito dos esqueletos do setor Z2 e Z3. O maior tinha sido enterrada numa cova muito rasa, e um pé tinha ficado do lado de fora da cova. O vizinho do mesmo não coubera todo dentro da cova, sendo que por isso os joelhos do mesmo sobressaiam à cova (não só à estrutura da brecha, mas também à de húmus). É preciso estudar ainda melhor os enterramentos para ver de que maneira realmente os mortos eram enterrados, se da maneira como aparecem nestes setores, ou se nas outras covas é diferente.

A maior parte dos dados técnicos, neste dia, como no anterior, foram anotados pelos que trabalharam comigo, dando eu apenas a orientação.

Também se coletaram, neste dia, amostras de frutas calcinadas para saber de que as pessoas da camada se alimentavam. Trabalho principalmente de Ondemar.

A aula da noite consistiu em projeções sobre expedições da Dra. Annette e Maria José à Patagônia e Terra do Fogo.

Paranaquá, 27/7/62, sexta-feira. Hoje foram todos ao Toral. Há ainda muito que fazer. Dividimos o trabalho: Maria José foi ao buraco do C1 continuar a estratigrafia e endireitar as paredes. Ondemar continuou no setor E2 para ver, principalmente, se conseguirá encontrar a forma de estacas dos setores vizinhos. Andrea trabalhou no setor D2 com problemas gerais, recolhendo amostras de coquinhos. José Brochado trabalhou com o

teodolito, mas não deu jeito. Depois foi ajudar a Maria José. Igor, em companhia de Marilene, trabalhou no setor A01 para ver se as estacas apresentavam alguma disposição. Depois todos começaram a limpar os diversos setores com esta finalidade. Está aparecendo realmente uma forma de choupana, ou, talvez melhor ainda, de diversas choupanas. Walter Piazza trabalhou no setor C2. P. Rohr, de manhã, coletou amostras da vegetação, depois ajudou a José Brochado no trabalho das medidas e referências, mais tarde ainda fez alguma escavação. Orientei o trabalho de Andrea e de Ondemar. Margarida começou testando o setor Z01 para ver o problema das estacas, das amostras e outras coisas.

Há numerosos problemas que ainda não foram resolvidos. Hoje Dra. Annette começou uma sondagem ao pé do sambaqui para ver sobre o que se assenta, como é a base etc. Depois foi traçar outra sondagem em outros dois lados. Com estas sondagens e mais os diversos cortes que já existem no sambaqui já se poderá ver quase toda a estratigrafia do sambaqui. Propriamente dever-se-ia trabalhar ainda muito tempo num sítio tão rico em problemas, mas infelizmente ele vai ser abandonado, ao que tudo indica, sem ter sido suficientemente explorado.

De noite, Igor deu aula sobre seus trabalhos.

Paranaquá, 28/7/62, sábado. Hoje de manhã trabalhamos no museu, lavando, numerando e etiquetando. Antes ainda escrevi os meus diários atrasados. De tarde saímos ao campo para trabalhar, mas quando chegamos estava chovendo. Resolvemos recuperar uma parte do trabalho que tinha sido descuidada, principalmente as anotações e documentação da jazida. Estudando os esqueletos da camada húmica para fazer as notas, descobri que todos os esqueletos, que ainda é possível estudar, estão em posição de quem senta sobre os joelhos. Os que jazem no mesmo lugar todos estão deitados de costas e se orientam no mesmo sentido. O único esqueleto que está na brecha e que se pode estudar, está em posição fletida, mas bastante diferente da cultura do húmus.

De noite não houve aula. Quase todos foram ao cinema.

Paranaquá, 29/7/62, domingo. De manhã, às 9 hs, tivemos uma aula sobre classificação de lítico. Às 10 hs, resolvemos, Margarida, Maria José, Brochado e eu ir ao campo para fazer as anotações sobre os sepultamentos. Primeiro limpamos, Margarida e eu, os esqueletos da linha Z, enquanto José Brochado e Maria José limpavam, desenharam e registraram o esqueleto do setor B01, na brecha. Depois do lanche, Margarida e eu descrevemos os esqueletos dos setores que tínhamos limpo antes. A chuva interrompeu duas vezes o nosso trabalho. Os esqueletos realmente estão todos fletidos (ou melhor, semi-fletidos) na camada húmica, em covas rasas, sem acompanhamento. O único esqueleto da brecha, que limpamos, é totalmente fletido e em posição bem diferente.

Paranaquá, 30/7/62, segunda-feira. O trabalho, ontem, foi normal. Procuramos por em dia os dados que faltavam e recolher o material. José Brochado viajou de manhã. Igor não estava. Foram desenhados e anotados os esqueletos, depois recolhidos os que estavam em condições. Também fotografamos. Dra. Annette, que já tinha aberto uma trincheira no sopé do sambaqui, na parte da antiga baía, abriu outro no lado oposto, chegando à conclusão provisória de que o sambaqui começou no lado da praia antiga.

De noite tentei resumir para os colegas as conclusões a que já tínhamos chegado na escavação do topo. Dra. Annette falou sobre a origem do sambaqui. Depois copieei ainda alguns desenhos, que serão importantes para o meu trabalho científico. São provisórias e anteriores ao estudo do material, tiradas apenas superficialmente durante o trabalho e olhando um pouco os diários. São as seguintes:

Podemos distinguir duas culturas diferentes no material escavado no alto do sambaqui do Toral: a dos habitantes do sambaqui e a dos habitantes sobre o sambaqui. Dos habitantes do sambaqui temos, provisoriamente, dois elementos diferentes: a posição fletida dos sepultamentos em oposição à semi-fletida dos outros; a indústria lítica diferente. Comum a ambas as culturas é o aproveitamento de pequenos coquinhos, que estão calcinados.

Os sepultamentos dos habitantes do sambaqui: os esqueletos estão fletidos (nº 13); os sepultamentos dos habitantes do húmus são semi-fletidos (pernas recolhidas), em decúbito dorsal, os braços normalmente colocados sobre o ventre, o sepultamento em cova para dentro da brecha, mas rasa.

Não foi observado material associado a não ser no nº 26, no qual, encostado ao crânio havia dois implementos ao menos parcialmente polidos. Talvez também houvesse em outros, mas a observação nos primeiros dias não foi suficientemente rigorosa e controlada. No sepulcro nº 2e (menino), junto aos joelhos, havia quantidade de coquinhos calcinados, mas os mesmos coquinhos foram encontrados nas camadas do sambaqui (Ondemar na fogueira na anomalocardia, setor E1, Andrea em camadas mais profundas do setor D2).

Na terra encontrada entre as costelas do sepultamento 2b foram recuperados numerosos dentes de um peixe (serradinhos, mas não é cação), que poderia estar associado porque não é por acaso. Nem a matéria corante pode ser tomada como material associado aos esqueletos, por se encontrar em toda a camada de húmus e, ao que parece, na mesma quantidade.

Os corpos foram sepultados com todo cuidado, como se vê pela cova e a posição.

Fica o problema: porque encontramos perto de 20 esqueletos de adultos e só um de uma criança (de menos de 10 anos)?

Sobre a choupana ou moradia dos habitantes que viviam sobre o sambaqui infelizmente não temos dados completos. Encontramos grande número de estacas em diversos setores, mas o tempo não foi suficiente para terminarmos a escavação de alguns setores, não sabendo, assim, a forma das choupanas. Também não foi possível ver se as estacas e as choupanas têm alguma relação com as áreas perturbadas ou com os sepultamentos, i. é, se os mesmos estavam fora ou dentro. As estacas são finas e pouco profundas, indicando cabanas pequenas, talvez de 2 m de diâmetro, como diversas formas parecem indicar.

Notamos também que o topo do sambaqui foi profundamente perturbado pelos homens do húmus; em tempos mais antigos parece ter havido perturbações também, mas que não puderam ser bem registradas. Quais seriam os motivos destas perturbações de

estruturas não nos foi possível ver por falta de tempo. Certamente não foram somente sepulturas.

Ainda no que se refere à moradia, não foi encontrado nenhum chão de choupana definido, nem tão pouco fogões (na camada de húmus); o pouco carvão que apareceu foi coletado por mim no sepultamento nº 25, e um pouco foi recolhido por Margarida numa cova. Não se encontraram estacas queimadas.

Quanto aos alimentos, não se encontraram no húmus nem conchas, nem ossos de mamíferos ou aves. Os poucos ossos de peixes (que talvez não dessem para formar meia-dúzia de indivíduos) (vértebras) em grande parte estavam preparadas para ornato, indicando assim a escassez dos mesmos. Não há certeza de que tenham sido encontradas conchas trabalhadas nesta camada húmica. O problema, portanto, está bem vivo: muitas sepulturas, quantidade de estacas para formar diversas choupanas, grande quantidade de implementos de pedra e não encontramos os alimentos. Os poucos coquinhos calcinados, que se encontram nas outras camadas não são explicação suficiente.

Quanto aos implementos do habitante sobre o sambaqui: grande quantidade de pequenas lâminas retangulares de machadinhos, com sinais de encabamento e desgaste só numa extremidade do gume, semelhantes aos encontrados no sambaqui do Macedo; número de percutores (côncavos ou não); seixos com depressões; grande quantidade de lascas; material corante e excessivo número de fragmentos e seixos de quartzo. Só alguns ossos com evidências de uso ou trabalho. Algumas vértebras de peixe perfuradas, uma falange semi-perfurada. Lâminas de machado e outras pedras grandes semi-polidas, às vezes associadas diretamente com sepultamentos (2 com o sepultamento 26).

Os implementos dentro do sambaqui não foram suficientemente estudados para lhes podermos determinar a tipologia. Mas no setor E1 apareceram 2 pedras semelhantes a uma encontrada por Walter Piazza numa camada provavelmente rolada. Só este implemento ajudaria a distinguir uma cultura de outra. O material lítico nesta camada parece mais escasso e menos definido, ao menos por enquanto.

Ficam numerosos problemas:

- a) O da alimentação: em que consistia, ou se encontram os restos em outro lugar, longe das choupanas e das sepulturas. Cultivos?
- b) A forma das choupanas: eram grandes, de piso circular ou oval? ou pequenas e de piso circular?.
- c) Por que não se encontram vestígios de fogo junto das estacas e dos sepultamentos?
- d) Por que o solo foi tão perturbado?
- e) A falta de esqueletos de crianças.
- f) Relação do homem sobre o sambaqui, com o do sambaqui.
- g) Falta de ossos de baleia.

Paranaquá, 31/7/62, terça-feira. Subimos a Curitiba, de manhã, chegando ao meio-dia. De tarde fui receber o dinheiro da minha bolsa da CAPES, das mãos do Prof. José Loureiro Fernandes. Às 16,30 hs tomei o ônibus para São Leopoldo.

As fotos e desenhos produzidos durante a expedição ficaram no CEPA da Universidade do Paraná.

Paranaguá, 31 de julho de 1962.

Resultados: Foram identificadas duas culturas arqueológicas.

- a) A cultura encontrada na camada de húmus sem conchas, nos 15 cm mais superficiais. É a cultura da população que veio morar sobre o sambaqui já pronto e abandonado. Deles foram encontrados 18 sepultamentos; mais de 50 evidências de estacas, fazendo provavelmente parte de três casas; grande quantidade de pedra lascada ou parcialmente polida; material corante; objetos de osso e vértebras de peixe; coquinhos calcinados.
- b) A cultura encontrada logo abaixo da camada de húmus nos 15 cm mais superficiais das conchas. É a cultura da população que construiu a última parte do sambaqui propriamente dito. Dela encontramos 12 sepultamentos, algumas evidências de estacas de choupanas, sinais do chão das habitações com muito carvão e cinza, fogueiras bem grandes, coquinhos calcinados e um bom número de instrumentos de pedra e de conchas.

Reconstituição das culturas arqueológicas:

Cultura a: A casa dos habitantes tinha uns 5 m de diâmetro, sendo construída com estacas finas de madeira (7 a 10 cm de diâmetro); a casa tinha piso circular ou ovalado. Ao lado destas parecia haver pequenas choupanas com menos de 2 m de diâmetro. Os mortos eram sepultados nos arredores da casa em covas rasas, escavadas nas conchas do sambaqui ou na terra, numa profundidade não superior a 20 cm. Os corpos eram deitados de costas nas sepulturas, as mãos geralmente colocadas sobre o abdômen, as pernas recolhidas como quem assenta sobre os calcanhares. Os esqueletos mantinham a orientação oeste-leste, com a cabeça voltada para o nascente, ou o mar. Junto de diversos esqueletos havia presentes ou ofertas: lâminas de machado grandes parcialmente polidas, peixe, coquinhos (para uma criança). Os moradores não parecem ter chegado a grande idade: não foi encontrado nenhum esqueleto de indivíduo idoso. Também não se encontraram esqueletos de crianças bem pequenas. A menor teria uns 10 anos. Não sabemos o que se fazia com os corpos de crianças. Como indica o grande número de sepultamentos, o grupo deve ter morado ali por bastante tempo. Também poderia ter sido um grupo relativamente numeroso, digamos de umas 30 pessoas.

Sobre a alimentação conhecemos estranhamente pouco: só encontramos algumas vértebras de peixe e alguns coquinhos calcinados. Sabemos apenas que não se dedicavam à coleta de mariscos, porque não deixaram conchas, nem pareciam ter sido caçadores ou pescadores, porque não apareceram ossos de animais terrestres ou peixes. Nem se encontrou carvão ou fogões, o que poderia indicar que os restos de alimentação estariam em outro lugar.

Dos instrumentos de trabalho foram encontrados numerosíssimas pequenas lâminas de machado, ou artefato parecido, (com menos de 5 cm de comprimento e largura), lascadas, que tinham sido encabadas. Não se conhece seu uso. Também havia algumas lâminas de machado semi-polidas, de tamanho bem grande, que eram encontradas normalmente nas sepulturas ou em outras covas. Enumeramos ainda quebra-coquinhos, grande número de lascas de basalto e um número quase infinito de lascas e seixos de quartzo, que tinham sido levados para o sítio e serviriam para alguma coisa.

Também o ornato era conhecido desse homem: encontramos boa quantidade de matéria corante vermelha e amarela. E em diversos lugares apareceram vértebras de peixe perfuradas, que teriam servido de contas de colar.

Estes moradores, quando se estabeleceram no sambaqui reviraram as camadas de conchas do mesmo, às vezes até um metro de profundidade.

Resumindo, pode-se dizer que se tratava de um grupo pacífico, sem armas, sem cerâmica, nem pedra completamente polida, de cuja alimentação quase nada se conhece. Talvez fossem agricultores incipientes ou coletores. Quanto à idade em que teriam vivido não temos, por enquanto, dados certos.

Cultura b: Eram comedores de mariscos (ostras, berbigões etc) ao menos no tempo em que viveram no lugar. A falta completa de ossos de peixes parece indicar que não pescavam. Tinham suas casas durante muitos anos no sambaqui, como mostra a superposição de camadas de conchas esmigalhadas, misturadas com carvão e cinzas,

no lugar das antigas choupanas. Não se conhece a forma destas choupanas. Dentro delas e possivelmente também fora, faziam suas fogueiras para cozinhar os mariscos; nas fogueiras foram encontrados coquinhos calcinados. As ostras e o berbigão (anomalocárdia) eram então abundantes nos mangues próximos. Depois de comido o conteúdo, jogavam as conchas pelo declive do sambaqui, ao lado das choupanas. Estas camadas de conchas têm ali mais de 5 m de altura.

Os mortos eram enterrados ali mesmo, nas conchas, não se sabendo se fora ou dentro da choupana. Eram sepultados cuidadosamente, em covas pequenas e rasas, numa posição completamente dobrada: os joelhos sobre o peito, as mãos por baixo dos joelhos. Este modo de enterrar é bastante comum na América do Sul, desde os Andes até o litoral brasileiro.

Não parecem ter usado a pedra polida.

Sua cultura é diferente e mais antiga que a anterior.

Paranaguá, 31 de julho de 1962.

Pedro Ignácio Schmitz.

Fotografias da escavação do sambaqui do Toral

1. Sepultamento nº 1, no setor A3. Dia 30/7.
2. Estratigrafia do buraco C; corresponde ao ângulo que está dentro do C0. À direita os estratos não perturbados; à esquerda, vestígios de perturbações (vestígio de um poste?). Dia 30/7.
3. Vista parcial da área escavada, direção leste para oeste. Dia 30/7.

4. Sepultamento nº 8, no setor Z2. Dia 30/7.
5. Sepultamento nº 13, no setor B01. Dia 30/7.
6. Vista parcial sobre a área escavada, de oeste para leste. Dia 30/7.
7. Trincheira aberta no lado da antiga baía, i. é, a SE do sambaqui. Vista de SE para NO. Dia 30/7.
8. A mesma, no mesmo dia.
9. A mesma que o nº 2, no mesmo dia.
10. Andrea, desenhando, ao lado do buraco C1. Dia 30/7.
11. Hora de almoço. Da esquerda para a direita: Maria José, Dra. Annette, Andrea, Margarida. Dia 30/7.
12. Marilene e a cadelinha. Dia 30/7.
13. O 'bar', na hora do almoço. Artur, Marilene, Ondemar, Andrea. Vê-se imediatamente que é depois do almoço. Dia 30/7.
14. O sepultamento nº 13, setor B01. Dia 30/7.
15. Sepultamento nº 27 (o crânio) e 11 (o resto), setor Z1. Dia 30/7.
16. Sepultamento nº 2b, setor Z2. Dia 30/7.
17. Sepultamento nº 2-a, setor Z2. Dia 30/7.
18. Sepultamentos do setor Z2. Vista de NO para SE. Dia 30/7.
19. Sepultamento nº 2-a. Dia 25/7.
20. Sepultamento nº 8. Dia 25/7.
21. Evidências de estacas no setor A01 (na frente) e Z01 (em segundo plano), como apareciam após a remoção da camada húmica. Vista de Norte para Sul. Dia 25/7, de manhã.
22. O canteiro B1, com material de escavação. Vista de SE para NE. Dia 25/7, de manhã.
23. Marilene e José Brochado limpando os sepultamentos nº 11 e 27. Dia 25/7.
24. Sepultamento nº 2b, fotografado de manhã cedo. Dia 25/7.
25. Sepultamento nº 8. Dia 27/7.
26. Foto falhada.
27. Evidências de estaca nos setores Z01 (à esquerda) e A01 (à direita). Vista de sul para norte. Dia 27/7.

28. Vista sobre a escavação, direção quase sul para norte. Em primeiro plano os esqueletos do setor Z2. Dia 27/7.
29. Trabalhando nos setor C1, D01 e E1. Dia 25/7.
30. Os mesmos, no mesmo tempo. Dia 25/7.
31. Trincheira na base da antiga baía, SE da jazida. Dia 30/7.
32. A mesma, no mesmo dia.
33. Sepultamento nº 26, mostrando as duas lâminas de machado parcialmente polidas, associadas ao crânio. Os pés são de Margarida. Dia 30/7.
34. Sepultamento nº 13. Dia 30/7.
35. Fora de foco. Dia 23/7.
36. Ondemar e Andrea trabalhando nos esqueletos do setor Z2. Vistos de cima de uma árvore, do lado sul para norte. Dia 23/7.
37. Os esqueletos do setor Z2, vistos de cima de uma árvore no lado sul para norte. Dia 23/7.
38. Vista sobre o sítio quando se começou a retirada da camada I (0-15 Cm) no setor B1. Vista de quase sul para norte. Dia 23/7.
39. Os sepultamentos do setor Z2. Vista de O para E. Dia 23/7.
40. Sepultamento nº 2b. Fora de foco. Dia 23/7.
41. Assim era a jazida depois de desmatamento e limpeza. Walter Piazza que o diga. Dia 21/7.
42. Região NE (setor D01, E01, D1, E1) após a retirada da camada húmica. Dia 22/7.
43. Quando apareceram os primeiros esqueletos no setor Z2. Foto de E para Sul. Dia 22/7.
44. Após a retirada da camada húmica, nos setores 01 e 1. Foto de norte para sul. Dia 22/7.
45. Fora de foco. 22/7.



Pedro Ignácio Schmitz.



Artur, Andrea, Rohr, Brochado, Piazza.



Na frente: Annette. No fundo Margarida e Marilene



O começo da escavação. Superfície, mostrando os buracos.



O canteiro depois da retirada da camada superficial em que estavam os esqueletos.



Artur e Andrea. Esqueletos aparecendo.



Esqueletos setor Z 2.



Sepultamentos da camada superficial.



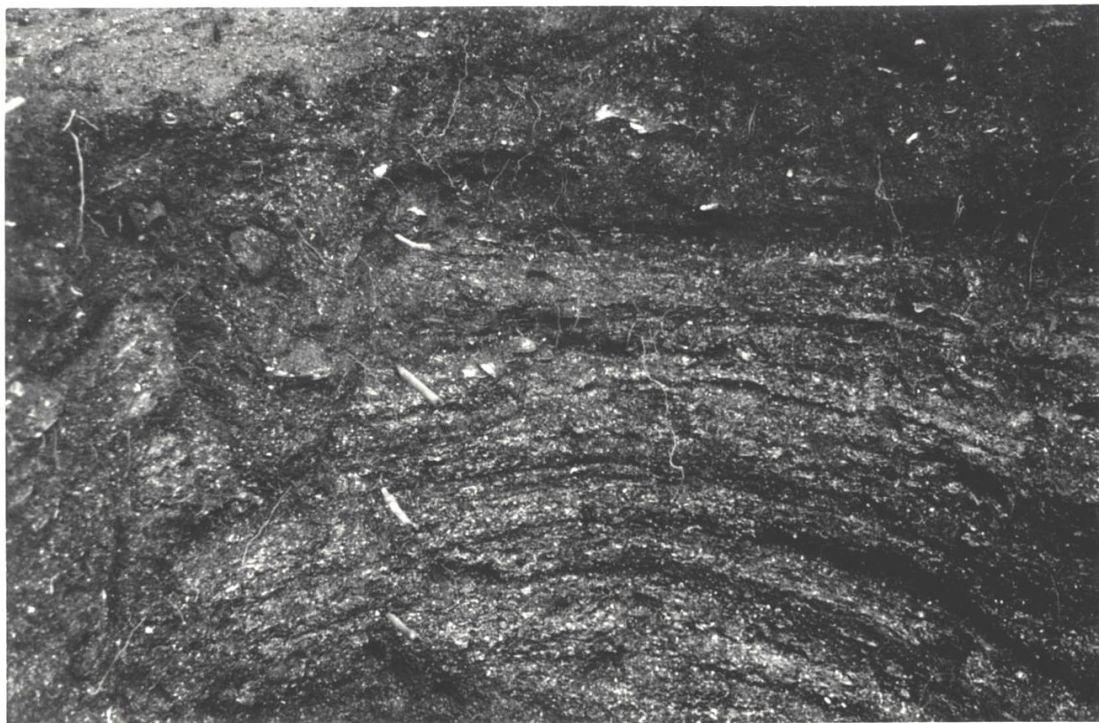
Sepultamento da camada superficial.



Sepultamento da camada superficial. Esqueleto 2b.



Sepultamento da camada superficial.



Corte estratigráfico no sambaqui propriamente dito.



Esqueleto do sambaqui.